



### DE QUISTILÃES AO RIO ROXOS

Rubén Melide leva-nos a um percurso polo Vale da Amaia, em concreto ao lugar das suas origens, a aldeia de Quistilães. Desta maneira, oferece-nos umha alargada descriçom do lugar, pondo em destaque o seu valor natural -graças ao vale e ao rio Roxos, mas nom só-, etnográfico -devido à “cultura da água” que revelam os moinhos que é possível visitar- e também sentimental porque, como ele próprio explica, “não é doado descrever a terra natalícia desapaixonadamente”.

### O SUL

A obra de criaçom deste mês chega-nos da mao de Xiana Arias. Esta jornalista da Fonsagrada obtivo em 2006 o prémio Pérez Parallé com o seu livro de poemas *Ortigas*, e em 2009 publicou em Galaxia *Acusación*. Colaboradora habitual do nosso jornal, desta vez oferece-nos um conto inédito.

### UM GALEGO EM CANNES

Xurxo Chirro analisa da secçom de cinema a importância para o audiovisual galego da participaçom da fita *Todos vós sodes capitáns*, de Oliver Laxe, no Festival de Cannes. Porque, ainda que em tempos passados já houve presença galega no certame, “estamos a falar de tempos pretéritos em que a concepçom do cinema e o mecanismo de escolma não era tão global”, explica Chirro.

## TEMPOS MODERNOS

# Barulho Alimentar

Erica do Cabo

A civilizaçom moderna e a industrializaçom transformado a nossa relaçom com os alimentos e, ao mesmo tempo, com nós mesmas. O facto de nos alimentar tem-se individualizado e problematizado, mas, quando antes a preocupaçom era a escassez, hoje em dia o que nos alarma som os perigos derivados da abundância: a eleiçom fai-se necessária para a nossa boa saúde. Este problema é agravado polo facto de sermos, a nom ser que decidamos mudá-lo, seres omnívoros, o que converte qualquer alimento em potencialmente ingerível.

Paradoxalmente, ante tal abundância estamos obrigadas à prudência e isto cria-nos umha situaçom de *stress*. Pode-se dizer que no mundo desenvolvido impera um barulho dietético que contribuem a manter os Estados, os média, as indústrias e a publicidade. Isto conclui na confusom do individuo que luta entre os seus gostos, o que lhe diz o médico, e o que ouve nos anúncios para escolher o que comer.

A industrializaçom alimentar

transformou as escolhas nutricionais em operaçoms económicas impulsionadas por umha pequeníssima parte da populaçom que fica com os benefícios que esta produz; as mais das vezes sem ter em conta o bem-estar dos seus trabalhadores nem da populaçom em geral. A moderna dieta industrializada caracteriza-se pelo facto de a comida passar por múltiplos processos em lugares mui distantes até chegar ao nosso prato e, ainda que há tempo que se discute a idoneidade destes alimentos processados, continuam a ser vendidos. Neste jogo legitimador participam instituìçoms públicas, investigadores do âmbito da saúde e as próprias empresas, cada um com os seus interesses, sendo o de todos eles o dinheiro. Mas o mais triste é que o *agro-business* serve-se das cozinhas dos povos que contribuiu para desintegrar esgotando recursos e explorando trabalhadores para promover versons edulcoradas a nível internacional: a *mussaka* grega, o *musli* suíço ou mesmo alguns mariscos galegos.

Esta industrializaçom da ali-

mentaçom tem duas conseqüências que alteram gravemente o nosso equilíbrio: em primeiro lugar, torna difícil a

O mais triste é que o *agro-business* serve-se das cozinhas dos povos que contribuiu para desintegrar esgotando recursos e explorando trabalhadores para promover versons edulcoradas a nível internacional: a *mussaka* grega, o *musli* suíço ou mesmo alguns mariscos galegos

Esta industrializaçom da alimentaçom tem conseqüências que alteram gravemente o nosso equilíbrio

sobrevivência de pequenos agricultores e de redes de distribuìçom locais. Mas também nos converte em doentes, produzindo patologias cardiovasculares, obesidade e cancro ao consumir em excesso produtos refinados e elaborados com ingredientes pouco benéficos para a nossa saúde.

Escolhemos o que comemos segundo as informaçoms que nos chegam e, sobretudo, segundo as nossas apetências, que se supom que obedecem às nossas verdadeiras necessidades. Mas na era do glutamato esta atitude semelha estar atrofiada: conservantes, gelificantes e aditivos confundem o nosso paladar e também o nosso corpo, que acaba por perceber como prazenteiro aquilo que nos envenena.

Por sorte, na Galiza mantemos num alto grau o sistema de produçom e alimentaçom tradicional. Devemos aproveitar isto, assim como manter a cozinha popular, pois é mediante a cozinha dum povo que superamos o paradoxo do humano

omnívoros: um alimento cozinhado converte-se em identificado. Conservar mediante a cultura os nossos gostos e alimentos pode liberar-nos de muitos transtornos tanto físicos como emocionais. É provável que para tirar de em cima esta relaçom angustiada com a comida seja preciso escutar-nos para redescobrir os nossos alimentos e o nosso corpo em simultâneo. Aliás, as instituìçoms e os estados modernos tenhem regulamentado a alimentaçom como forma de controlo sobre os indivíduos, sobre os seus corpos e almas. Para que isto nom se repita apresenta-se-nos como imprescindível a autonomia e a soberania alimentar.





## GEOGRAFIA

# PERCURSO DE QUISTILÃES AO RIO ROXOS

Rubén Melide

Com certeza, não é doado descrever a terra natalícia desapaixonadamente. Porém, fica bem longe da minha intenção a redação de uma folha turística com o objetivo de exaltar o bom e esconder o mau. Não é o NOVAS DA GALIZA o lugar para tratar de convencer consumidores de paisagem.

A uns sete quilómetros da capital do nosso país, em direção sudoeste, existe uma terra que bem merece ocuparmos um dia em percorrê-la, sempre que o fizermos com o respeito que merece, tanto a nível ambiental quanto humano.

A aldeia de Quistilães pertence à freguesia de Bugalhido e ao concelho de Ames, ficando inserida entre as estradas que vão da capital a Noia e a Ponte Vedra. É por isso que podemos chegar a ela por qualquer uma destas vias, desviando-nos antes dos dois grandes núcleos do concelho: Bertamirães e Milhadoiro, respetivamente. Trata-se de uma aldeia grande, na que as novas vivendas modificaram sensivelmente a imagem do velho núcleo, devido a um processo de terciarização protagonizado



Quistilães ocupa o fundo de um pequeno vale, situado por sua vez no Vale da Amaia. Este valinho é partilhado com outras aldeias

por pessoal acomodado e profissionais liberais, o que provocou uma relativa castelhanização idiomática, para além de outras mudanças sociais. Uma característica salientável da vida social da aldeia é a prolongada resistência do Cabido, velha instituição popular de cargos rotatórios.

Quistilães ocupa o fundo de um pequeno vale, situado por sua vez no Vale da Amaia. Este valinho é partilhado com as aldeias de Framil e Barreiro, e nos extremos do mesmo, Outeiro e Costoia. A própria toponímia destas duas aldeias revela a sua superior altitude. Não é por acaso que o nome Costoia vem do latim *Custodia*, devido à privilegiada visibilidade de que desfrutava e desfruta o lugar.

Presidindo este vale, partilhado pelas freguesias de Bugalhido e Vidoído, está o monte Picom, que serve de limite entre ambas as duas. Infelizmente, o estado

deste cume é hoje em dia de uma degradação total, entre torres elétricas e eucaliptos que quase nem árvores parecem. Ainda há poucos anos, grupos de famílias das aldeias antes referidas ascendiam ao monte nas noites de 24 de julho para contemplarem os *Fogos do Apóstolo*.

No entanto, se há um elemento da geografia da zona cuja situação atual seja realmente alarmante, esse é o rio Sar, que chega a Quistilães já doente depois da sua passagem por Compostela. É lamentável ouvir falar os velhos do seu esplendor passado e dos múltiplos usos que dele eram feitos enquanto se observa a sua atual decadência. Para piorar a situação, há uns poucos anos foi construída a auto-via Compostela-Briom nas beiras do Sar em Quistilães. Esta infra-estrutura totalmente desnecessária e acorde com o capitalismo depredador estragou ainda mais o contorno do rio, sendo edi-

ficado mesmo um viaduto de betão que atravessa o rio.

Por sua banda, a situação do Roxos é bem melhor. Este afluente do Sar, que nasce na freguesia amense da Ameixenda e morre perto de Quistilães depois de ter atravessado a paróquia compostelana de Vilhestro, constitui um património a preservar pelo seu inestimável valor natural e etnográfico. Os seus moinhos são um expoente, a dia de hoje bem escas-

ocidente das Astúrias e Norte de Portugal.

Para além disto, o leito fluvial tem uma grande importância sentimental para a mocidade de Quistilães e da sua contorna: o Pego, na desembocadura, é o lugar onde levamos boa parte da nossa vida a jogar, a namorar ou a evadirmo-nos nos problemas quotidianos. É também o lugar onde iam moer os nossos avós quando eram jovens. A perda ou a degradação de um espaço tão simbólico seria fatal, nem só a nível ecológico, mas também humano. Perder-se-ia um referente coletivo, e com ele algo do que nós somos como povo.

O rio de Roxos já tem resistido ameaças: uma mini-central, linhas elétricas... Porém, a única que se chegou a consumir foi a já nomeada auto-via Compostela-Briom bem perto do bosque de ribeira, o que significou uma cutelada considerável para a sustentabilidade do ecossistema.

É por estas e mais razões que o Centro Social A Fouce esteve algum tempo a trabalhar em favor dos espaços fluviais do concelho de Ames, nomeadamente os rios Roxos e Riamonte. A associação tem recolhido toneladas de lixo das suas margens, editado cadernos informativos, organizado exposições, palestras, protestas diante do concelho... todo isto com o objetivo de obter proteção como espaços naturais de interesse local. Até o momento presente, as instituições e os partidos políticos deram a calada por resposta.

Aliás, no contorno fluvial há outros lugares de importância, como a Ponte Cabirta, hoje quase totalmente derrubada, a velha fábrica de curtidos do Pego ou o castro de Quistilães, no qual, segundo uma lenda popular, havia amazonas nuas a cavalgarem pelo monte. Infelizmente, o espaço de um artigo de jornal não dá para falarmos de tudo o que Quistilães e as suas redondezas têm para nos oferecerem.

**O leito fluvial tem uma grande importância sentimental para a mocidade de Quistilães e da sua contorna: o Pego, na desembocadura, é o lugar onde levamos boa parte da nossa vida a jogar, a namorar ou a evadirmo-nos nos problemas quotidianos**

so, da cultura fluvial que antano se respirava na Amaia. Frente à abafante eucaliptização, os bosques ribeirinhos do Roxos –mormente compostos por loureiros e carvalhos – constituem uma massa de arborado autóctone de uma extensão hoje em dia difícil de encontrar na nossa zona. No que diz respeito à fauna, temos animais como lontras, garças, cavallinhos do demo, rãs, cobras de rio ou a píntega rabilonga (chioglossa lusitanica), endemismo da Galiza,



O rio Roxos, afluente do Sar, nasce na freguesia amense da Ameixenda e morre perto de Quistilães depois de ter atravessado a paróquia compostelana de Vilhestro; tem grande valor natural, mas também etnográfico, polos moinhos



## A FOTO

Natália Gonçalves

**O** dia dos Maios é uma festa grande em Ourense.

Subimos ao monte a procurar musgo, giestas, carrabou-xos, uzes e flores, muitas flores para que a cor inunde esta celebração da Primavera. E todo isto para deitá-lo ao Minho desde a cima da ponte velha.

Esses poucos segundos vendo-o cair até que bate contra a água... mereceu a pena.



## CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de conteúdo e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No Novas da Galiza pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número achegamos um texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projecto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para [literaria@novasgz.com](mailto:literaria@novasgz.com).

**X**iana Arias, jornalista da Fonsagrada, obteve em 2006 o prémio Pérez Parallé com o seu livro de poemas *Ortigas*, e em 2009 publicou em Galaxia *Acusación*. Colaboradora habitual do nosso jornal, desta vez oferece-nos um conto inédito.



## O sul O sul O sul O sul O sul O sul O sul O sul

<b>I</b>	-Entrarei às doce em ponto, na mudança da guarda das entradas.	-Vou chamar agoramesmo a policía.	-Creio que me cortei.	-Pisaste-me.	-Lara Tigre.	-Tenho frio.
-A que andas?	-E as saídas?	-Em cinco horas, certo?	-Com quê?	-Perdoa.	-Isso é um nome?	-Há formas de conseguir calor.
-A nada.	-Nom tenho por que sair pola saída.	-Nom, nom certo.	-Nom sei.	-Que hora é?	-Ai!	-Como?
-E que vais fazer?	-Ai nom?	-Vamos, tchau. Lava-te bem.	-Aguarda.	-As quatro.	-Nome.	-Como?
-Nom sei, queria lavar-me um pouco.	-Nom.	-Aguarda...	-Nom, aqui nom.	-Agora tenho frio.	-Lara Tigre.	-Às vezes, quando vai muito frio masturbo-me.
-Tenho que comentar-che umha cousa.	-E que vais levar?	-Onde sempre.	-Tenho esparadrapo.	-Andamos um pouco mais rápido?	-Zorra.	-O quê?
-Di-me.	-Nada.	-Ei...	-Tens esparadrapo?	-Sim.	-Ai!	-Nem sempre consegue... Entrás em calor.
-Queres agora?	-Como nada?	-Tchau.	-Sim.	-Nom sei nem o que dizer.	-Nome.	-Nem sempre consegue... Entrás em calor.
-Sim, sim. Di-me.	-Nada. Que queres que leve?	<b>II</b>	-Por que?	-Também terás quartos, carteira, documento de identidade...	-Lara.	-Nom creio que poda pensar em nada excitante.
-Vou cruzar a auto-estrada.	-Nada. Que queres que leve?	-Tenho ganas de mijar.	-Também terás quartos, carteira, documento de identidade...	-O que vamos fazer?	-Apelidos.	-Nom creio que poda pensar em nada excitante.
-O quê?	-Água?	-Agora nom.	-Nom, nom. Isso nom.	-Cala.	-Tigre.	-Nom creio que poda pensar em nada excitante.
-Sim.	-Nem água.	-Merda.	-E um cigarro? Isqueiro?	-Dá-me igual. Cala.	-Maldita zorra da merda.	-Nom creio que poda pensar em nada excitante.
-Como?	-Vou chamar a policía.	-É melhor que nom bebas mais água.	-Nom te burles.	-Eu volto.		-Nom creio que poda pensar em nada excitante.
-Andando.	-Nom sabes por onde vou entrar.	-Já.	-Dá-me a mao.	-Fica quieta.	<b>VII</b>	-Como nom vais poder?
-Andando?	-Vigilarám todas as entradas.	-Anda, paramos um momento.	<b>IV</b>	-Nom te conheço de nada.	-Estás bem?	
-De noite.	-Já as tenham vigiladas! E nom creio que chames.	-Mas nom tinhas ganas?	-O que cantas?	-Quieta.	-O quê? Há alguém aí?	<b>VIII</b>
-Nom podes.	-E quando chegues ao outro lado?	-E tenho, mas nom me sai.	-Little green bag.	-Nom estive nunca aqui.	-Sim.	-Olha que é parva, Lara Tigre.
-Sim podos.	-Queres vir?	-Vou dar a volta.	-Ai deus.	-Quieta!	-Quem és?	-O quê?
-Quem che meteu isso na cabeça?	-Nom.	-Nom, isso nom.	-O quê?	-Solta.	-Nom te preocupes. Nuns dias irám cansar de ti.	-Como podes confiar em alguém só porque parece estar do teu lado?
-Tu que crês?	-Sim queres.		-Nom sei como podes pensar nisso agora.	-Nom.	-Cansarei eu antes.	-O quê?
-Nom sei o que creio.	-Encontramo-nos em cinco horas onde sempre.	<b>III</b>	-Nom o penso.	-Solta ou grito.	-Resistirás. Aqui somos bastantes.	-Como podes confiar em alguém só porque parece estar do teu lado?
-Vou-me dentro de seis horas.	-Nom.	-Que tal vais?	-Nom o pensas.	-De acordo.	-Bastantes, quantos som?	-O quê?
-Nom.	-Sim queres.	-Vou.	-Saiu-me.	-O quê?	-Nom sei, eu consigo falar com quatro ou cinco.	-Masturbaste-te Lara?
-Como que nom?	-Encontramo-nos em cinco horas onde sempre.	-Tens frio?	-E fácil de lembrar.	-Marcha!	-Quanto tempo levas aqui?	-...
-Vou avisar a policía.	-Nom.	-Nom.	-Sim que é.	-Vam matar-te.	-O que cantavas?	-Vais chorar?
-Nom creio.	-Se queres, levamos água.	-Merda.	-Mas nom subas a voz.	-Nom creio.	-Little green bag.	-Quem sois?
-A sério.		-Que se passa?	-Já.	-Eu marcho.	-O quê?	-E tu, tu quem és?
-Nom creio.			-Ai.	-Pois marcha já ou cala de vez.	-Umha canção de George Baker...	-Eu sou Lara Tigre.
-Andando?			-O quê?	<b>VI</b>	-Eu às vezes também canto.	-Pois eu sou George Baker, encantado.
				-Nome.		-Podo beber água?
						-Nom.



## LÍNGUA NACIONAL

# Input, output e naufrágios

Valentim R. Fagim

No prazo de umha semana presenciei duas vezes umha cena ilustrativa. Umha galega recriminava a um brasileiro que usasse um castelhanismo, num caso era a palavra *Teléfono* e no outro *Venres*. Em mim, havia umha parte que aplaudia esse toque de atençom e umha outra que sentia que era umha açom **náufraga**, solitária. É interessante notar que nom eram quaisquer brasucas mas essa raça maravilhosa de Brasileiros que moram connosco e se movem com galegos e galegas que vivem a nossa língua como sendo extensa e útil.

Quando falamos de aprendizagem de línguas, usamos as expressões **Input** e **Output**. **Input** é tudo aquilo que recebemos, tudo o que lemos e escuta-

mos. **Output** é tudo o que produzimos, tudo o que falamos e escrevemos.

Disto nom escapam nem galegos nem galegas nem outros lusófonos e lusófonas. O jogador brasileiro do Desportivo que se instala na Corunha rapidamente pega qual a língua da Galiza, nom a emotiva, nem a cronologicamente primeira, mas a língua ambiental, a língua a sério. Nom é preciso muito Input, basta com ler o contrato.

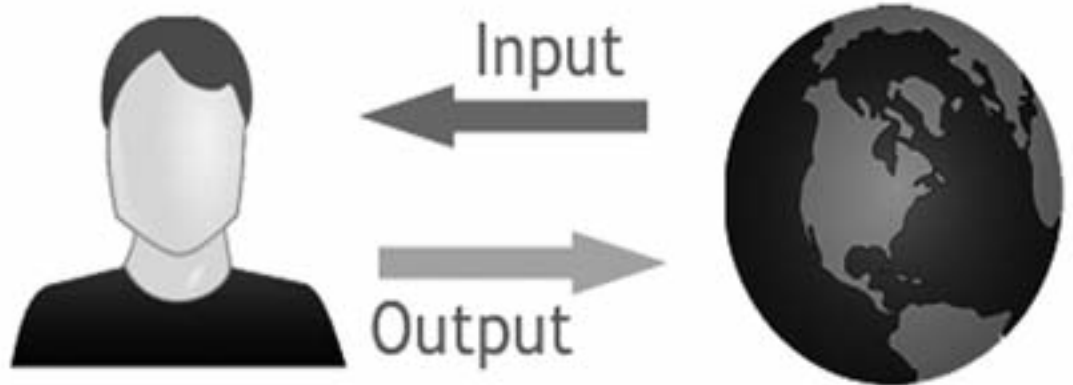
Os brasileiros e as brasileiras temem várias redes sociais e na maior parte delas nom há Output de telefones e sextas-feiras. De facto, o Output que oferecemos à sociedade galega caracteriza-se, como sabemos, por um elevado índice de castelhanizaçom.

Outra raça maravilhosa, cada vez mais comum, som as pessoas que querem ter um Output o mais genuíno possível. Investem umha importante energia nesta tarefa e até pedem para serem corrigidas.

Se o grosso das nossas redes

sociais se expressam em castelhano ou em galego com Output castelhanizado, a tarefa torna-se mui difícil, diria que **náufraga**. A única forma de superar a síndrome Robinson Crusoe é integrar-se em redes com um Output genuíno: locais

sociais, convidar determinados amigos/as ao Facebook, o Novas, o PGL, Diário Liberdade, sites tucas e brasucas, cidadaos e cidadás lusófonas... enfim, a única forma de nom naufragar é... navegar diferente.



## CAMPA AUDIOVISUAL

# Um galego em Cannes

Xurxo Chirro

É um prazer começar a minha andaina no NOVAS DA GALIZA falando do momento mais importante na história do audiovisual galego. Porém, isto significa que, caso não se repita ou melhore, as minhas próximas intervenções tratarão aspectos mais prosaicos e de menos incidência. Estamos, pois, em Maio, às portas de começar o festival de cinema mais importante do mundo, o Festival de Cannes, polo que vou proceder a assinalar a importância da presença do filme de Oliver Laxe, *Todos vós sodes capitáns*, na secção da Quinzena de Realizadores.

Há que dizer que, com anterioridade, houve outros cineastas galegos em Cannes (Velo, Torrado), mas estamos a falar de tempos pretéritos em que a concepção do cinema e o mecanismo de escolma não era tão global. Mas a presença do filme de Oliver Laxe é a do primeiro filme galego (segundo os ratios de produção) e com título

em galego que entra numa secção oficial de Cannes. Esta importância vem redobrada se atendermos a que é o único cineasta do estado espanhol que entrou em Cannes. A mínguada presença espanhola reduz-se a co-produções de filmes de autores consagrados (Iñárritu, Oliveira e Weerasethakul). Pola primeira vez, o talento galego mostra a sua supremacia e fai-no com uma proposta arriscada no nível mais alto de vanguarda na concepção cinematográfica.

Adiaremos para uma outra ocasião a crítica do filme, mas sim comentarei que *Todos vós sodes capitáns* é uma proposta de cinema de autor totalmente antónima relativamente às conservadoras perspectivas industriais de um sector que gravita unicamente ao redor do êxito das bilheteiras e das audiências. Porém, o filme de Laxe fai provisão de umas intenções de se desfazer de preconceitos de uma maneira de fazer e ver cinema. Um filme com um elevado mais-valia artística que põe em questão os cânones tradicionais



que estruturaram o cinema até os nossos tempos. O filme de Laxe põe de manifesto esse toque e atençom que subscvem alguns agoreiros (nem sem razão) sobre a "morte do cinema" e que não é senão "pensar de maneira dife-

rente o que, até o dia de hoje, se deu por chamar cinema".

De seguro que o filme se estreará em mais ecrãs na França que na Espanha, mas Laxe já conseguiu, com um esforço quase unipessoal, ter um lugar no panorama mundial.

Laxe tivo de solucionar umha serie de contratempas (a indiferença de produtoras galegas e espanholas), o que o levou a não materializar o seu projecto inserido nos procedimentos industriais. Para isso mostrou-se ágil fluindo polas "fendas" da instituição cinematográfica, filmando em terras de Marrocos com um mínimo fundo do governo galego e maneando um orçamento que se reduz a 50 vezes menos do movimentado polos chamados "projectos industriais". E, apesar de tudo, realizou um filme que interessou em Cannes.

O que demonstra toda esta casuística é que os modos de criação e promoção audiovisual estão a mudar de uma maneira mui acusada. Todo o contemplado até o dia de hoje já não serve. Agora chegou o momento para deixar um lugar para as novas olhadas que ponham em dúvida o estabelecido. Aguardemos que na Galiza estes esforços e ensinanzas sejam reconhecidos e que sirvam de atalhos dum futuro em que mais galegos possam ser vistos em Cannes.